

O MONSTRO E SEU AVESSO EM *UM RIO CHAMADO TEMPO, UMA CASA CHAMADA TERRA*, DE MIA COUTO

Juliana Ciambra Rahe (UFMS)
Rosana Cristina Zanelatto Santos (UFMS)

Resumo

Este trabalho tem como objetivo analisar o monstro que tomou corpo na personagem Dito Mariano como resultado do esmorecimento de sua identidade cultural, em *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, de Mia Couto. A finalidade é analisar o nascimento do monstro e a colaboração do duplo – que se manifesta fisicamente em Marianinho – no exorcismo do monstro, através da reinvenção de uma identidade cultural como o resultado da negociação com novas culturas, sem que com isso os vínculos com as próprias origens e tradições sejam afrouxados. Para tanto, além da análise do texto literário, utilizaram-se, como subsídio para a leitura realizada, textos teóricos que abordam a questão da monstrosidade, da duplicidade, assim como teorias a respeito da identidade e da tradução cultural. Observou-se que, na empresa de exorcizar o monstro, cabe ao duplo buscar o conhecimento do passado e resgatar a tradição, a fim de reinventar a identidade cultural, evitando, contudo, um fundamentalismo cultural exacerbado que busca a recuperação de uma identidade anterior pura. Tais observações demonstram a necessidade de reatualização do passado por meio da memória, que constitui uma maneira de tradução dialógica do passado, bem como a assimilação da modernidade mediada por processos de tradução.

Palavras-chave: *monstro; identidade; tradução cultural; Mia Couto.*

Abstract

This paper aims to analyze the monster in which the character Dito Mariano turns into when acts in a way which results in annulling his cultural identity, in *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, by Mia Couto. The object is to look into the monster's birth and the collaboration of the double – whose physical manifestation is Marianinho – in the exorcism of the monster, which occurs by the reinvention of a cultural identity as the result of the renegotiation with new cultures, without losing the connections with their origins and traditions. Besides analyzing the literary text, it was used, as basis for reading, theoretical texts that approach the subject of monstrosity, double, as well as theories about identity and cultural translation. It was observed, when exorcising the monster, it is the double's role to find previous knowledge and get the tradition, in order to reinvent the cultural identity, avoiding a cultural fundamentalism that tries to recover a previous pure identity. Such observations display the need of updating the past through memory, which constitutes a dialogical way of translation of the past, as well as the assimilation of modernity, through by translation processes.

Key words: *monster; identity; cultural translation; Mia Couto.*

1. INTRODUÇÃO

Segundo Julio Jeha, "[...] os monstros desempenham, reconhecidamente, um papel político como mantenedor de regras sociais" (2007, p. 18); eles constituem uma manobra para delimitar fronteiras, estabelecendo proibições para alguns comportamentos e valorizando outros. O corpo monstruoso constitui "[...] uma narrativa dupla, duas histórias vivas: uma que descreve como o monstro pode ser e outra – seu testemunho – que detalha a que uso cultural o monstro serve" (COHEN, 2000, p. 42).

Em *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, de Mia Couto, a personagem Dito Mariano, ao se transformar em um monstro – um morto-vivo a quem a terra rejeita – em decorrência da perda de sua identidade, adverte dos caminhos pelos quais não se deve seguir, chamando atenção para fronteiras que não se devem cruzar. Ele materializa um castigo fundado em uma transgressão.

Com o intuito de realizar a tarefa de exorcizar o monstro em que se transformou Dito Mariano, cabe a Marianinho – manifestação física do duplo do avô – a reinvenção da identidade cultural, por meio do resgate do passado e das tradições, sem que com isso se conduza à recuperação de uma identidade cultural anterior pura, fundada em formas de representação e significação imutáveis e estáveis.

O monstro corporifica um momento cultural e possibilita a realização de uma leitura da cultura a partir das relações que o geram. Sendo assim, os comportamentos que demonstram o extravio da identidade de Dito Mariano e que levaram à sua transformação em um ser monstruoso revelam limites e traçam fronteiras que não devem ser transpostas na busca pela construção de uma identidade moçambicana.

2. A MONSTRUOSA TRANSFORMAÇÃO

Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra, de Mia Couto, conta a trajetória de Marianinho ao retornar à ilha de Luar-do-Chão, por motivo do falecimento do avô, Dito Mariano. Como neto preferido, herdeiro do nome, Marianinho foi escolhido pelo avô para conduzir as cerimônias do funeral. Entretanto, o estado do falecido – portador assintomático de vida – requer a postergação indefinida das cerimônias fúnebres. A dificuldade de transição do morto transforma-o em um monstro, um ser híbrido – nem morto, nem vivo – que resiste a uma "[...] classificação construída com base em uma hierarquia ou em uma oposição meramente binária"; ele "[...] desintegra a lógica silogística e bifurcante do 'isto ou aquilo', por meio de um raciocínio mais próximo do 'isto e/ou aquilo'" (COHEN, 2000, p. 30-32).

O monstro corporifica uma advertência, uma interdição de um comportamento. Ele

[...] impede a mobilidade (intelectual, geográfica ou sexual) delimitando os espaços sociais através dos quais os corpos privados podem se movimentar. Dar um pulo fora dessa geografia oficial significa arriscar sermos atacados por alguma monstruosa patrulha de fronteira ou – o que é pior – tornar-mo-nos, nós próprios, monstruosos (COHEN, 2000, p. 41).

A transformação de Dito Mariano em um ser monstruoso ocorre em razão do apagamento de sua identidade cultural.

[...] Uma das grandes questões que eu procuro em minha escrita é a procura de identidades. [...] que é uma coisa que nos move como pessoas, como famílias, como nações. É ao mesmo tempo uma coisa profundamente necessária. Precisamos ter uma identidade, não sei porquê, mas precisamos ter uma identidade. Ficamos muito nervosos com a ausência dessa identidade COUTO, entrevista inédita realizada em 27 jun. 2009.

O afrouxamento da identificação da personagem com a cultura nacional – “[...] uma das principais fontes de identidade cultural” (HALL, 2005, p. 47) – pode ser verificada pelo desleixo no cumprimento de suas funções, decorrente da posição que assume no interior da instituição familiar. Como patriarca, cabe a ele a tarefa de guardar a casa e a família, e esta “[...] é coisa que não existe em porções. Ou é toda ou é nada” (COUTO, 2003, p. 126). Entretanto, a desintegração salta aos olhos. Adivinham-se “[...] o desabar da família, o extinguir da terra” (COUTO, 2003, p. 147). O desencaminhamento da identidade de Mariano evidencia-se na negligência com que se comportou em relação a Miserinha, desacolhendo-a, e no segredo de que Marianinho não era seu neto, mas seu filho e de sua cunhada, Admiraça.

Outra evidência do desfazimento da identidade cultural do mais velho dos Malilanes reside em uma impostura que lhe pesa a consciência: sua contribuição na morte de seu amigo, Juca Sabão, “desensaboad” pela arma que Mariano roubou de Fulano e vendeu a seus netos, filhos de Último. Segundo Hall,

[...] uma cultura nacional é um *discurso* – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos [...] As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre "a nação", sentidos com os quais podemos nos *identificar*, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas (HALL, 2005, p. 50-51).

A terra fecha-se contra a postura ambiciosa do avô Mariano, que vai ao encontro a uma identidade formada com base em sentidos produzidos a partir da narrativa de um passado de nação colonizada.

3. O MONSTRO E SEU AVESSO

Mais do que o neto escolhido para conduzir as cerimônias do funeral, Marianinho corporifica a manifestação física do duplo de Dito Mariano, encarregado de exorcizar o monstro. Para exercer a função de "anjo puro" e proteger a casa – a terra, a nação – da condição monstruosa do avô, portador de desgraça, cabe a Marianinho (re)construir a identidade cultural, para que assim o avô possa se libertar da sonolência que o prende ao lençol da mesa grande.

O duplo revela-se como projeção consciente do conteúdo reprimido pelo avô moribundo. Segundo Freud, na tentativa de lidar com o mundo externo e mediar questões internas, o ego reprime emoções provocando uma ansiedade mórbida.

[...] se a teoria psicanalítica está certa ao sustentar que todo afeto pertence a um impulso emocional, qualquer que seja a sua espécie, transforma-se, se reprimido, em ansiedade, então, entre os exemplos de coisas assustadoras, deve haver uma categoria em que o elemento que amedronta pode mostrar-se ser algo reprimido que *retorna*. Essa categoria de coisas assustadoras constituiria então o estranho (FREUD, 1996, p. 258).

O duplo refere-se ao *estranho* – algo estranhamente familiar, simultaneamente novo e desagradável – tanto quanto representa essa ansiedade, isso reprimido que o indivíduo escolheu para esconder de si mesmo (cf. GUEDES, 2007, p. 27). Segundo Freud, o "[...] estranho não é nada novo ou alheio, porém algo que é familiar e há muito estabelecido na mente, e que somente se alienou desta através do processo da repressão" (FREUD, 1996, p. 258).

São segredos muito guardados por Dito Mariano que geram o duplo Marianinho, que recebe cartas (estranhamente familiares), com a sua própria caligrafia, remetidas pelo avô, aconselhando-o na tarefa de descortinar mistérios e “direitar” destinos.

Tal duplicidade evidencia-se no prenome de ambas as personagens, levando-se em conta que “[...] O nome próprio é o atestado visível da identidade do seu portador através dos tempos e dos espaços sociais” (BOURDIEU, 1996, p. 187): “[...] não apenas eu continuava a vida do falecido. Eu era a vida dele” (COUTO, 2003, p. 22) – e também no sentimento que ambas nutrem por Admirança: “[...] me custa confessar mas a Tia Admirança me acende de mais o rastilho. Tantas vezes a recordo, mulherosa, seu corpo e seu cheiro” (COUTO, 2003, p. 58) e “Admirança foi a mulher em minha vida” (COUTO, 2003, p. 233).

Além disso, a procura por inspiração no mais velho para decidir o que fazer na circunstância de sua prisão revela-se como outro indício da condição de duplo de Marianinho: “O que faria o Avô naquela circunstância? E penso: é curioso eu procurar inspiração no mais-velho. Afinal, já vou me exercendo como um Malilane” (COUTO, 2003, p. 203).

4. O EXORCISMO DO MORTO ADORMECIDO

No projeto de reinvenção identitária, a (re)descoberta do passado apresenta-se como parte do processo. Assim, no retorno a Luar-do-Chão, para que deixe que a casa – "que é o país inteiro" – entre dentro de si, Marianinho precisa resgatar a história de sua terra. Para tanto, é preciso que conheça a história de seus familiares: dos homens, representantes do tempo; e das mulheres, alegorias da terra. O passado, contudo,

[...] é quase sempre uma mentira. A parte do passado que não passa é uma construção, é uma releitura. Como os sonhos, nós nunca contamos os sonhos, porque sempre reelaboramos os sonhos quando contamos. O passado é composto por duas partes, aquilo que não passou, que é necessário lembrar, uma espécie de convenção quase silenciosa, às vezes manipulada, que impõe limites que depois fixam aquilo faz parte da história oficial; e outra parte do passado é esquecida, é enterrada (COUTO, entrevista inédita realizada em 27 jun. 2009).

De mulungu, Marianinho passa a Malilane quando se familiariza com a cultura da terra e com o passado – que é sempre construído através de memória, fantasia, narrativa e mito (cf. HALL, 1990) – e pode, assim, “direitar” os destinos de sua gente.

Corporificação dos tempos do colonialismo, “[...] ao mínimo pretexto, Abstinência se dobrava, fazendo vénia no torto e no direito” (COUTO, 2003, p. 16). O mais velho dos tios, “nos tempos, se incendiara de paixão mais que proibida”, apaixonara-se por Dona Conceição, personagem que alegoriza a terra sob colonização portuguesa. Amarrado a seus medos e a seus fantasmas, ausentou-se do mundo no exílio da sua moradia, para não ver a ilha morrer, para poupar-se da dor que lhe causava assistir à decadência da terra que tanto ama. Abstinência, com raízes fincadas fundo em Luar-do-Chão, não consegue abandoná-la. A maneira que encontra de “desalugarejar-se” é afundando-se na bebida. Bêbado sente-se outra vez vivo. “Não era tanto a pobreza que o derrubava. Mais grave era a riqueza germinada sabe-se lá em que obscuros ninhos. E a indiferença dos poderosos para com a miséria de seus irmãos. Esse era o ódio que ele fermentava contra Último” (COUTO, 2003, p. 118).

Fulano Malta, pai de Marianinho, apaixonou-se por Mariavilhosa, que fora violada por Frederico Lopes – a terra sendo estuprada pelo colonialismo português. Fulano lutou na guerrilha contra o regime colonial e, após a libertação, “[...] com suas amarguras, seu sonho coxeado” (COUTO, 2003, p. 126), enraizou-se à “prisão sem muros” que fez da ilha e assiste ao definhamento da terra, assim como viu desmoronarem seus ideais e suas esperanças. “Ele que tanto lutara para criar um mundo novo, acabou por não ter mundo nenhum” (COUTO, 2003, p. 225) e viu confirmada a sentença de descrença de seu pai, Mariano: “Esses que

dizem querer mudar o mundo pretendiam apenas usar da nossa ingenuidade para se tornarem os novos padrões. A injustiça apenas mudava de turno” (COUTO, 2003, p. 222).

Redescobrir o passado, entretanto, é apenas uma porção da tarefa de reinventar a identidade cultural. Tal empreitada não tem como objetivo aquilo a que Robins chama de "Tradição": a recuperação de uma identidade anterior pura, um retorno às raízes culturais; mas a (re)invenção de uma identidade cultural como produto de várias histórias e culturas interligadas, como resultado da negociação com novas culturas, sem que com isso os vínculos com as próprias origens e tradições sejam afrouxados, gravitando ao redor daquilo a que Robins denomina "Tradução" (*apud* HALL, 2005, p. 87).

[...] a cultura não é apenas uma viagem de redescoberta, uma viagem de retorno. Não é uma "arqueologia". A cultura é uma produção. Tem sua matéria-prima, seus recursos, seu "trabalho-produtivo". Depende de um conhecimento da tradição enquanto "o mesmo em mutação" e de um conjunto efetivo de genealogias. Mas o que esse "desvio através de seus passados" faz é nos capacitar, através da cultura, a nos produzir a nós mesmos de novo, como novos tipos de sujeitos. Portanto, não é uma questão do que as tradições fazem de nós, mas daquilo que nós fazemos das nossas tradições. Paradoxalmente, nossas identidades culturais, em qualquer forma acabada, estão à nossa frente. Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar (HALL, 2008, p. 43).

Na empresa de reinvenção da identidade cultural de Dito Mariano, o conhecimento do passado histórico e o resgate da tradição devem ser utilizados na construção da identidade cultural, sem que com isso conduzam ao fundamentalismo cultural exacerbado que procura a auto-afirmação do Eu-Nação via extermínio do outro (*cf.* SELLIGMAN-SILVA, 2005, p. 205).

[...] A idéia que eu combato muito é que há agora uma grande tendência, digamos, tradicionalista em dizer que a nossa verdadeira identidade tem que ser procurada no passado. E isso não constrói nada. A nossa verdadeira identidade tem que ser feita por costuras. Tem que se buscar ao passado aquilo que já sabemos que é uma operação que vai escolher, que vai selecionar aquilo que tem que ser resgatado com memória. Mas tem que se costurar isso com alguma coisa. E que coisa é essa? E aí é difícil, porque, de fato, o mundo de hoje é um mundo que oferece coisas muito fragmentadas, muito dispersas. Que modernidade vamos escolher? A resposta tem que ser "nós vamos escolher aquela que nós fizemos", não podemos escolher, não é uma coisa que se vá ao mercado, ao shopping e "vou comprar um pacote de modernidade" (COUTO, entrevista inédita realizada em 27 de jun. 2009).

Faz-se, portanto, preciso, para a construção identitária, o casamento entre tradição e modernidade. A resposta, segundo Hall, "não é apegar-se a modelos fechados, unitários e homogêneos de 'pertencimento cultural', mas abarcar os processos mais amplos – o jogo da semelhança e diferença – que estão transformando a cultura no mundo inteiro" (HALL, 2008, p. 45).

Ultímio representa a ação normalizadora da globalização, que "[...] nivela as diferenças, impõe um modelo homogeneizado e pasteurizado de 'cultura' transnacional onde a tradição é reduzida a uma simples coleção de imagens" (SELLIGMAN-SILVA, 2005, p. 205). O mais novo dos tios, "[...] não sabe de onde vem e só respeita os grandes" (COUTO, 2003, p. 125). Preocupado em exibir posses, influências e poderes, guiado por cobiças e esquecido de suas origens, pretende desfazer-se da casa da família, vender Nyumba-Kaya a investidores estrangeiros. Tal homogeneização não apresenta, contudo, risco ao projeto de identidade cultural, pois, mediante processos de subversão, negociação e tradução, é possível evitar o jugo da cultura ocidental, criando modernidades vernáculas.

De fato, Ultímio não consegue comprar Nyembeti – a terra – que se faz tonta, indígena, recusando-lhe o dinheiro, e escapa; não logrará nem comprar a casa da família.

[...] O Tio não entendeu que não pode comprar a casa velha? [...] Essa casa nunca será sua, Tio Ultímio [...] Porque essa casa sou eu mesmo. O senhor vai ter que me comprar a mim para ganhar posse da casa. E para isso, Tio Ultímio, para isso nenhum dinheiro é bastante" (COUTO, 2003, p. 249).

Assim, na tarefa de exorcizar o monstro morto-vivo, a reatualização do passado deve ser realizada por meio da memória, que constitui uma maneira de tradução do passado dialógica, que reconhece a "[...] comunicação com o 'outro' como formador do 'eu'. [...] O trabalho da memória parte do pressuposto de que o embate com o passado é guiado pela nossa situação presente" (SELLIGMAN-SILVA, 2005, p. 212). O álbum de fotografias, no qual Dulcineusa visitava lembranças, apresenta-se como metáfora do caráter dinâmico do passado, de sua constante transformação. A inexistência de fotos no álbum, no início da jornada de Marianinho, indica a possibilidade de reinvenção do passado dialogicamente através da memória. "Sem remorso, empurro mais longe a ilusão. Afinal, a fotografia é sempre uma mentira. Tudo na vida está acontecendo por repetida vez" (COUTO, 2003, p. 50).

Além disso, na empresa de reinvenção da identidade, é preciso suturar modernidade à tradição, àquilo que se resgatou do passado, já que identidade cultural "[...] is a matter of 'becoming' as well as of 'being'. It belongs to the future as much as to the past" (HALL, 1990, p. 225). A identidade

[...] se faz por casamentos, por osmose, por simbioses. É uma das diferentes simbioses é entre a oralidade e a escrita. [...] Este casamento entre a oralidade e a escrita é muito recorrente em minha obra desde *Terra Sonâmbula* [...] essa idéia de que há alguém que tem um pé na oralidade outro tem um pé já na escrita, quer dizer, na modernidade. Essa balança entre tradição e modernidade é, de fato, importante para que todos deixem uma página onde escrever alguma coisa, onde se dizer qualquer coisa (COUTO, entrevista inédita realizada em 27 de jun. 2009).

Ao exorcizar o monstro em que se transformou o Avô Mariano, Marianinho liberta também seu pai Fulano e Abstinêncio, o mais velho dos tios, que se exilaram do mundo prendendo-se à Ilha. Os livros e cadernos que Marianinho trazia consigo eram vistos por Fulano Malta como armas apontadas contra a família, como ameaças a um modelo puro de identidade, enraizada no passado. Esconjurado o monstro, Fulano devolve ao filho os manuais que há anos guardava (apesar de sustentar a mentira de tê-los lançado ao rio) e abandona a farda de guerrilheiro. Liberta-se do passado da mesma maneira como lança ao ar a gaiola que se transforma em pássaro. Também Abstinêncio agora "[...] já poderia sair, visitar o mundo. Estava de bem consigo, aplacados seus medos mais antigos" (COUTO, 2003, p. 248)

Recuperada a tradição pela memória, a casa reconquista raízes dentro de Marianinho. Mas, embora Nyumba-Kaya fosse a casa única, indisputável, de Marianinho, Luar-do-Chão não seria o lugar de suas cinzas. Assim, Marianinho visita "o mundo dos mortos" e regressa "vivo ao mundo dos vivos" (COUTO, 2003, p. 258). Visita o passado de sua terra, desfia histórias e, em seguida, despede-se. Exorciza o monstro e converte-se "num viajante entre esses mundos", matando o tempo para trás. Como pertencente a uma cultura híbrida, Marianinho recupera as raízes que o prendem à Nyumba-Kaya através da memória, mas não se enraíza na ilha e nem ao fundamentalismo culturalista e parte, sem deixar atrás de si "criaturas que se alojam [...] nos tempos já revirados" (COUTO, 2003, p. 259)

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 1996.
- COHEN, J. J. A cultura dos monstros: sete teses. In: COHEN, J. J. (Org.). *Pedagogia dos monstros. Os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- COUTO, M. *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- FREUD, S. O Estranho. In: _____. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira).
- GUEDES, R. S. *Secular readings of good and evil in R. L. Stevenson's Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/ECAP-76CJM4/1/full_thesis_16_1_.10.07.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2009
- HALL, S. *Cultural Identity and Diaspora*. In: RUTHERFORD, J. (Ed.). *Identity: community, culture, difference*. London: Lawrence & Wishart, 1990. p. 222-37
- _____. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

RAHE, J. C. Entrevista inédita com Mia Couto. São Paulo: SESC, 27 jun. 2009.

SELLIGMAN-SILVA, M. Globalização, tradução e memória. In: _____. *O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução*. São Paulo: Ed. 34, 2005.